

CONVITE | EXPOSIÇÃO



200 ANOS DE NASCIMENTO DE JULIE ENGELL-GÜNTHER (1819-1910)

ABERTURA

18 de julho de 2019, às 15h

LOCAL

Arquivo Histórico de Joinville
Avenida Hermann August Lepper, 650 – Saguacú

Na abertura haverá uma conversa com as pesquisadoras Izabela Liz Schlindwein e Elke Dislich.

**Secretaria de
Cultura e Turismo**



**Prefeitura de
Joinville**



Retrato de Julie Engell-Günther feito pela sobrinha Clara von Rappard, carvão sobre papel, 1900 (estimado).
Fonte: Carola Moysen (Ed.), "Auftrag der Gesellschaft Clara von Rappard" in: Clara von Rappard - Freilebende 1857-1912. Exhibition catalog, March-Sept. 1999.
Museum Schloss Jegenstorf and Kunstmuseum Pfen (cs), Bern 1999.

Uma memória possível



Julie Engell-Günther chegou ao Brasil no calor da pós-Revolução de 1848, quando decidiu embarcar com outros intelectuais rumo à Austrália. Os planos mudaram no meio do caminho e Julie decidiu aportar no posto de abastecimento da costa brasileira a convite do médico da Coroa, Robert Christian Berthold Avé-Lallemant.

O Brasil passa a ser sua casa por dez anos (1849-1859), onde atuou como preceptora em um colégio para meninas no interior de São Paulo. Ao casar-se no Brasil com o engenheiro Hermann Günther, responsável por demarcar as terras do Príncipe de Joinville que seriam destinadas à ocupação de imigrantes alemães, Julie vive toda sorte de aventuras como o que chama de "mulher do primeiro colono".

Crônicas de sua passagem pela Colônia Dona Francisca foram registradas no livro "Weihnachtsabende in Brasilien" ("Noites de Natal no Brasil"), publicado em 1862 pela ainda hoje reconhecida editora Julius von Springer. A obra descreve, entre outros episódios, as tensões entre colonos alemães e nativos no Sul e os primeiros passos da educação no Sudeste.

A partir da experiência no país, Julie publicou, além de "Noites de Natal no Brasil", outros textos, como: "Brasilianische Kinder" ("Crianças Brasileiras"), 1887; "Ein Kolonistenmädchen. Novelle aus Brasilien" ("Filha de colonos. Novela brasileira"), 1897; "Aus Brasilien" ("Notícias do Brasil"), 1883 e "Das jetzige Brasilien" ("O Brasil atual"), 1889.

No retorno à Europa, o perfil de Julie se volta, basicamente, para três causas: o direito à educação, voto e liberdade de negócios das mulheres. Para dar visibilidade aos textos e opiniões, buscou inúmeras editoras, debatendo publicamente com legisladores sobre o antigo Código Civil, ainda em esboço.

A dimensão da educação, uma constante no perfil de Julie, volta a se revelar na Suíça, onde se dedicou ao magistério. Em Interlaken, a livre pensadora morou até o fim de sua vida na companhia da família, principalmente da irmã Albertine e da sobrinha Clara von Rappard.



Retrato de Juliane Engell-Günther feito por seu marido Hermann Günther, 1840 (reilimado). Fonte: Carola Myssers (Ed.), "Auftrag der Gesellschaft Clara von Rappard" in: Clara von Rappard - Freilichtmalerin 1857-1912. Exhibition catalog, March-Sept. 1999, Museum Schloss Jegenstorf and Kunstmuseum Pilsen [c4], Bern 1999.



200 ANOS DE NASCIMENTO DE JULIE ENGELL-GÜNTHER (1819-1910)

No dia 3 de agosto de 1819, em Mecklemburgo, na Pomerânia, nascia Juliane Engell. Quais seriam os pontos de contato entre esta livre pensadora do Norte da Alemanha e Joinville? Quais interesses historiográficos ou arquivísticos poderiam haver por parte do Arquivo Histórico de Joinville a partir da história de Julie?

São estas perguntas que guiam a exposição de fotos e reprodução de documentos "200 anos de nascimento de Julie Engell-Günther (1819-1910)".

Neste jubileu de 200 anos, apresentamos uma seleção de imagens da autora e sua família, pintadas por sua sobrinha Clara von Rappard, que teve um contato muito íntimo com a tia, como demonstrado na imagem "As Sibilas" (1890). Bem como, a reprodução de documentos que flagram diferentes vivências de Julie no Brasil e algumas narrativas como escritora e livre pensadora.

Os documentos aqui em evidência foram acessados em diferentes arquivos (públicos e pessoais). Além do próprio Arquivo Histórico de Joinville, podemos citar o Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão (São Paulo), Instituto Ibero-Americano (Berlim/Alemanha), Instituto de História Social (Amsterdã/Holanda) e Instituto Clara von Rappard (Interlaken, Suíça).

O trabalho institucional de salvaguarda destes documentos, bem como a contribuição dos colaboradores formais e informais do Arquivo Histórico de Joinville foram fundamentais para que esta pesquisa ocorresse. Assim como o trabalho da tradutora Elke Dislich (Relibra/USP).

Esta exposição contém trechos da tese de doutorado "Os Natais da livre pensadora alemã Julie Engell-Günther: relações de gênero e interétnicas no Brasil do século 19", defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir deste breve relato, esperamos despertar o seu interesse por esta (alternativa) história da Colônia Dona Francisca. A seguir, contamos, especialmente, um pouco sobre a chegada de Julie ao Brasil.

Izabela Liz Schindwein



Secretaria de
Cultura e Turismo



Muitos nomes e identidades



Ao longo da carreira de jornalista e escritora, Julie Engell-Günther assinou seus trabalhos de diferentes formas:

- 1) **Juliane Engell;**
- 2) **Julie Engell;**
- 3) **Julie Engell-Günther;**

Interessante observar ainda que, quando escreve sobre sua passagem pelo Brasil, em “Noites de Natal”, a autora aparece refletida em três perfis femininos:

o Mathilde:

professora alemã que trabalha na escola da portuguesa d. Fortunata, no Rio de Janeiro, e passa um tempo na chácara de Amanda com outras alunas. Atenciosa, responde a perguntas das crianças sobre os jeitos de viver na Europa e suas primeiras impressões sobre o novo país.

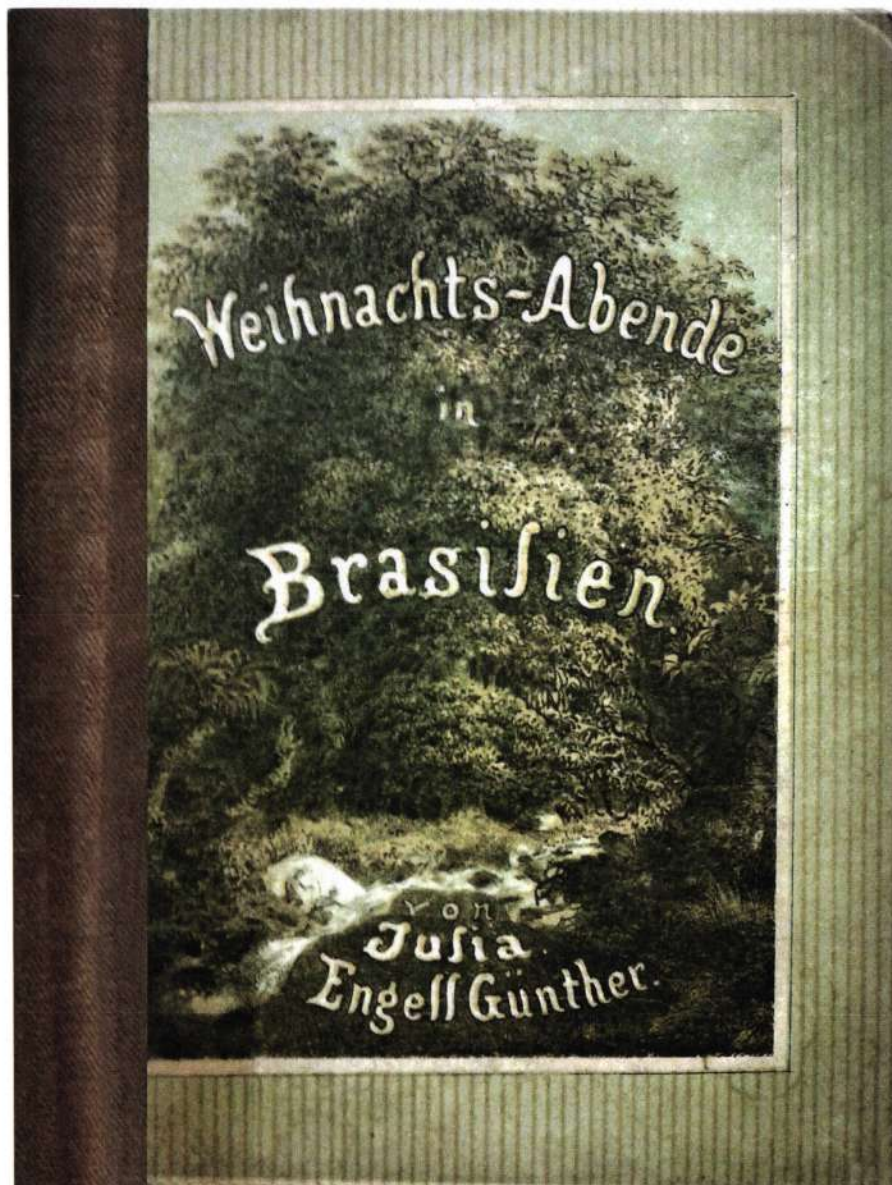
o Martha:

esposa de Arthur (alter-ego de Günther), o “primeiro” colono da Colônia D. Francisca. Ela é a imigrante alemã que espera o marido chegar após a tempestade junto com as outras mulheres de colonos. É citada, principalmente, a partir do seu papel doméstico e na relação com as crianças.

o Elisabete:

mulher de Roberto. Também é descrita no espaço doméstico, organizando a ceia de Natal, presenteando as crianças ou interagindo com os animais.





Capa original do livro "Noites de Natal no Brasil", escrito por Julia Engell-Günther. Editora Julius von Springer, 1862, Berlim. Acervo: Ibero-Amerikanisches Institut/Berlin e Arquivo pessoal Elke Dtslich (Reilibra/USP).



O livro "Weihnachtsabende in Brasilien" ("Noites de Natal no Brasil" - 1862) é resultado dos dez anos vividos por Julie no Brasil (1849-1859), onde ela descreve as tensões entre colonos alemães e nativos no Sul e os primeiros passos da educação no Sudeste - no período de pós-Revolução de 1848.

Weihnachtsabende in Brasilien.

Deutsch-brasilianisches Leben und Treiben.

Für die reifere deutsche Jugend

VON

Julia Engell-Günther.

Mit 4 Zeichnungen von Haun.

Berlin.

Verlag von Julius Springer.

1862.

Contracapa do livro "Noites de Natal no Brasil".



Segunda Noite de Natal no Brasil

II.

Meus queridos simpáticos jovens leitores, permitam-se hoje serem levados ao assim chamado Sul do Brasil, onde o clima é muito mais ameno do que no Rio de Janeiro; onde é mais fresco do que no Norte, que compreende toda a região Equatorial e, portanto, seria muito mais quente.

É conveniente que vocês observem no mapa para se familiarizarem com a posição do extenso Reino pelo qual pretendemos viajar; pois, com isso, vocês poderão ter uma melhor noção do que esperar.



"Primeiras casas da Colônia (D. Francisco)", Gravura do artista Haun encontrada no livro "Noites de Natal no Brasil", Editora Julius von Springer, 1862, Berlim.

O encontro de alemães com os nativos



Uma das cenas mais emblemáticas da segunda parte de “Noites de Natal no Brasil” é a narrativa do primeiro encontro de Martha (possivelmente alter-ego de Julie Engell-Günther) com o que descreve serem “verdadeiros bugres” na praia. Recém-chegados à Província de Santa Catarina, Martha e Arthur, famintos e sem enxergar rastro humano algum, tentavam atravessar um braço de mar que bloqueava o caminho por onde eram obrigados a passar. À procura de uma canoa para alugar, Arthur (suposto alter-ego de Hermann Günther) não pensou muito, tirou as roupas e nadou para o outro lado para buscar ajuda, enquanto o guia do casal descarregava o carro de boi. A carroça foi desmontada e trazida até a outra margem e o guia permaneceu com os seus animais do outro lado até que a viagem com os bois pudesse ser feita.

Nos instantes em que Martha precisou ficar na margem, sozinha, cuidando das malas, acontece o seu primeiro encontro com indígenas nativos:

Para me livrar daqueles tremores frios que me sacudiam e para poder apreciar sem ser incomodada o espetáculo que o céu nublado oferecia e que mudava constantemente, eu encostei duas das nossas caixas, uma na outra, e me deitei em cima delas. Um bom tempo deve ter passado, quando eu fui impelida a virar a cabeça para o lado, por algo que não sabia o que era; e imaginem vocês o susto que levei quando vi três sujeitos que não usavam nada além de uma tanga de palha trançada, portanto, com toda a sua naturalidade rudimentar, estavam diante de mim como verdadeiros Bugres! (Vigília solitária na praia)

Sem entender de onde teriam vindo, seu primeiro pensamento foi o de que não deveria tentar luta alguma contra os três homens, mas vencê-los pela astúcia. Apesar de levar sua pequena pistola carregada, pensou que se acertasse um deles, só aumentaria a raiva dos outros.

“Eu juntei, então, toda a minha coragem, levantando-me e aproximando-me deles, disse: ‘Amigos, eu peço que vocês não se aproximem de mim se tiverem amor por sua vida. Eu vim aqui para fazer um feitiço que trará muitos benefícios a esta terra se ele for concluído sem interrupções’” (O feitiço).

Com sua pequena arma, Martha desenhou na areia um círculo, alertando do perigo que correriam caso ultrapassassem a linha. Com um pouco de pólvora umedecida, ela fez pequenos montes de areia, como vulcões em miniatura em erupção. Ao perceber a presença dos “bugres”, Arthur remou às pressas, atirando com seu revólver em direção à costa e fazendo com que fugissem para o mato. Assim que pôde, Martha pulou no barco “aliviada” por não ter sido arrastada para a mata, já que não imaginaram se tratar de uma mulher.

“Eu já havia visto de longe esta fogueira vulcânica”, disse Arthur, rindo, “e não sem admiração, cuja presença dos senhores peles vermelhas eu não tinha percebido. Remando, às pressas, consegui perceber o motivo da mostra dos grandes talentos da minha esposa, e não pude me conter em soltar alguns tiros sobre a costa, que ressoaram nas montanhas próximas, produzindo um ruído significativo. Nossos amigos selvagens esqueceram, de susto, a sua elegante inércia e fugiram para o mato. Mas, imediatamente, arrependeram-se desta covardia, voltaram, pararam e acompanharam o nosso desembarque; retirando-se, então, lentamente, para trás, até a mata”. (Vulcão artificial).

O fim do século 19 e início do 20 foi atravessado por histórias de violência contra aldeias em Santa Catarina.

É na segunda parte de “Noites de Natal no Brasil” que ficam mais evidentes as tensões entre europeus e nativos da América do Sul. Principalmente nos subtítulos “O feitiço”, “O vulcão artificial”, “O retorno dos bugres”, “A população do Brasil”, “Índios mansos e índios do mato”, “O capitão do mato”, “Aventura do alemão Hans Staden” e “Hostilidades entre indígenas e europeus”. Apesar de não problematizar a concepção de “Entdeckung” (“Descobrimto”), de apresentar a figura de Hans Staden como uma vítima dos “índios canibais” e demonstrar uma visão desenvolvimentista da colônia e de estranhamento aos indígenas, Julie chega a fazer uma tímida denúncia sobre as capturas de nativos praticadas já nas primeiras ocupações de Cristóvão Pires em Cabo Frio, em 1511.

“Palácio Thionville”



“A primeira cabana na Colônia D. Francisca”. Gravura do artista Haun encontrada no livro “Noites de Natal no Brasil”. Editora Julius von Springer, 1862, Berlin.

Passado o suspense inicial de sua chegada à Colônia Dona Francisca como “pobre criado” e o medo de ser descoberta como “mulher”, outro desafio se apresentava. Por meio da leitura da segunda parte de “Noites de Natal no Brasil”, percebemos que as instalações previstas para as primeiras famílias de imigrantes eram precárias cabanas, apelidadas por elas de “palácio Thionville”. É nesta fase que as noções ocidentais de Julie são mais vivamente acionadas.

“Thionville” é uma cidade francesa, às margens do rio Moselle, conhecida por seu patrimônio formado por edifícios, fortificações, igrejas, torres, pontes, palácios, pórticos e castelos. A primeira cabana da Colônia Dona Francisca, portanto, em nada se parecia com os palácios da cidade de “Thionville”. Com telhado feito da palha da palmeira, seria digna apenas para a moradia de animais. Certamente que a cabana da Colônia Dona Francisca contrasta com a chácara onde morava Amanda, no Rio de Janeiro, uma casa servida por um grupo de criados/as.

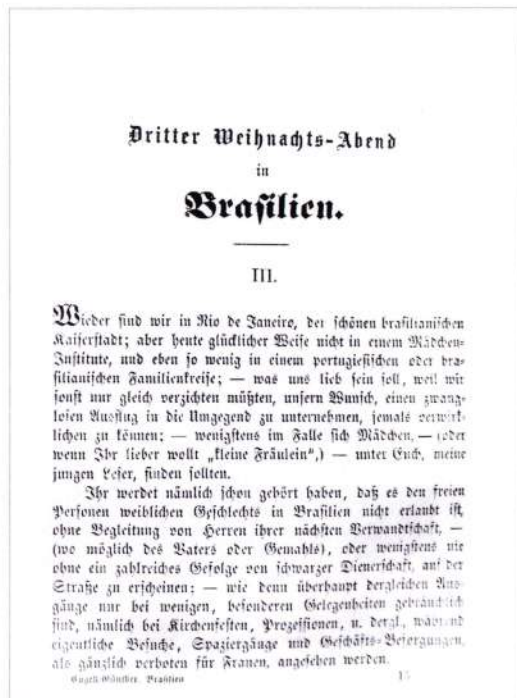
Depois de assinar contrato com o Príncipe de Joinville, a Sociedade Colonizadora ficou responsável pela venda de lotes, disponibilizando empréstimos, caso fosse preciso – uma maneira de arrecadar “impostos” dos imigrantes para o príncipe. Na prática, as terras eram vendidas pela Sociedade Colonizadora Hamburguesa, do senador Christian Schroeder (pai de Edoard Schroeder, que mais tarde, tomaria a frente do processo iniciado por Hermann Günther).

Mas a decepção com as primeiras instalações, ironizada pelo grupo de imigrantes de “Palácio Thionville”, foi tão grande, que novos problemas começam a surgir.

Somente os patos e os porcos deste novo assentamento ainda têm coragem de procurar à noite um abrigo em uma construção dessas, que a qualquer momento pode ruir completamente. Neste meio tempo, foram construídas para as pessoas duas moradias mais firmes e amplas, um pouco mais acima, onde as inundações não eram tão frequentes – e não sem humor aquele casebre, que, agora, foi completamente abandonado, recebeu o nome de “Palácio Thionville.” (O palácio como “edificação”).



Neste trecho do livro “Noites de Natal no Brasil”, o foco é o comportamento das mulheres brasileiras e a dependência dos pais ou maridos. Fica evidente o estranhamento de Julie Engell-Günther em relação ao hábito da reclusão das mulheres naturalizado no dia-a-dia.



Página interna “Noites de Natal no Brasil” (1862)



Terceira Noite de Natal no Brasil

III.

Novamente, estamos no Rio de Janeiro, a bela cidade imperial brasileira. Mas, hoje, felizmente, não estamos em um colégio de meninas. E muito menos em um círculo familiar português ou brasileiro. O que só pode ser vantajoso, porque senão teríamos de desistir do nosso desejo de empreender uma excursão sem restrições pelos arredores. Se estivéssemos na companhia de meninas (ou se vocês preferirem jovens senhoritas), não teríamos tanta liberdade.

Vocês já devem ter ouvido falar que, no Brasil, não é permitido às pessoas livres do sexo feminino se apresentarem em público sem a companhia de cavalheiros de sua família (de preferência pai ou marido), ou ao menos, de um séquito de serviçais negros. Este tipo de passeio só ocorre em ocasiões especiais, como festas de igreja, procissões e coisas semelhantes. Enquanto visitas, passeios e compras são totalmente proibidos para mulheres.

Este costume se estende até a mais tenra idade, sendo que mesmo meninas de quatro ou cinco anos não podem aparecer fora de casa sem a companhia de adultos ou, de preferência, deixar o seu lar.

Desta forma, vocês podem pensar que uma vida social como nós estamos acostumados no Norte da Europa (que, apesar de muito cerceamento, contribui para o desenvolvimento das forças anímicas e para as amenidades da vida), no Brasil, é inexistente; justamente porque o gênero feminino, por costume e tradição, é obrigado a se manter escondido, recluso, quase sempre, no interior de suas casas.



"Chegou o período de férias e o estimado sol brilhava forte, homenageando o verão. Além dos dias de cão*, também os festejos natalinos estavam próximos. Não nos encontrávamos mais na Pátria fiel, mas já há muito tempo meus pés caminhavam sobre terra estrangeira, longe da terra natal e em meio a uma população cujo idioma e cultura conseguimos aprender com muita dificuldade."

* A expressão "Hundstage" ou "dias de cão" é empregada para designar os dias quentes de verão na Europa, entre 23 de julho e 23 de agosto. O termo esteve originalmente associado à constelação Sirius, que poderia ser vista integralmente nesta época.



Redaktion: Dr. J. B. Widmann.

Inhalt: Ein heiliger Abend. — Kunst und Literatur.

Ein heiliger Abend.

Skizze aus meinem Leben.

Von J. Engell-Günther.

Ferienzeit war gekommen, und heiß genug brannte die liebe Sonne zu Ehren des Sommers. Allein nicht die Hundstage, sondern die Weihnachtstferiertage standen bevor. Befanden wir uns doch nicht im traulen Vaterlande, sondern lange schon wandelte mein Fuß auf fremder Erde, fern von der Heimat und inmitten einer Bevölkerung, deren Sprache und Sitte wir nur schwer verstehen gelernt hatten.

Seit einigen Jahren lebte ich damals auf jener Seite des Äquators, ziemlich genau unter dem Wendekreis des Steinbocks, im Gebiete des „Jaguaran“ (eines auf dem Hochplateau der Provinz „San Paulo“ in Brasilien sich erhebenden, weithin sichtbaren, dreieckigen Bergriesen), dem auch die Provinzialhauptstadt „San Paulo“ noch zuzuzählen ist.

Eben hatte ich mein „Collegio“ (Erziehungs- und Unterrichtsanstalt mit Pension) für dieses Mal geschlossen und die meisten meiner Jüngerlinge waren schon zu ihren Eltern oder Verwandten fortgeholt worden, nämlich entweder zu Pferde oder im Wagnie (einem zwischen zwei Maultieren hängenden Tragelast), um die Ferien unter den Ihrigen zu verleben. Doch erwartete ich nicht, daß die wenigen bei mir Zurückgebliebenen, ebenfalls von bannem geführt werden würden, weil diese Kinder keine Angehörigen in der Nähe besäßen, die Entfernung von deren Wohnorten aber wohl fünfzig bis sechzig deutsche Meilen betrug und daher an einen kurzen Ausflug dorthin nicht zu denken war. Nun sann ich gerade ernstlich nach, auf welche Weise es mir wohl möglich werden könnte, diesen Minderbegünstigten während der kommenden freien Tage eine Entschädigung zu schaffen, als ich durch ein Handelsläschen (welches bei den stets offen stehenden Türen und in der gewöhnlich sehr großen Stille der Straßen laut vom Sturm hereinzuschalle) in der hier üblichen Weise um die

Erlaubnis gebeten wurde, jemand eintreten zu lassen, und weil eben niemand von meinem schwarzen Dienstpersonal zur Hand war, ging ich selbst an die Treppe, um zu sehen, wer da sei. Meine Wohnung lag nämlich, wie in allen besseren brasilianischen Häusern, im oberen Stock, während das Parterre zur Beherbergung der Sklaven und Tiere oder zu Geschäftsräumen und Magazinen benutzt zu werden pflegte.

Da ich unten einen fremden Neger sah, rief ich ihm zu, hinaufzusteigen, um mir seine Bestellung auszurichten; und so stand der „Pai“ (Vater) Antonio (wie er als älterer Diener genannt wurde) bald vor mir, worauf er aus einer mit einem Riemen an seinem Halse befestigten Ledertasche einen Brief hervorzog, den er mir reichte, indem er sagte: „Von meinem Herrn, dem Senhor Gabriel Ribeiro, an Ew. Gnaden, Senhora Donna, die er um Antwort bittet.“

„Gut!“ entgegnete ich. „Daß mich das Schreiben lesen und geh' indessen in die Küche, wohin Dich der Jaginho (ein Negerbursche, der als Waffenträger zu meinem Haushalte gehörte und eben herbei kam) führen soll, damit Du ordentlich zu essen bekommst. Ich denke, Du wirst Hunger haben nach dem weiten Wege.“

„Gewiß, Senhora!“ versicherte er; und ich wußte schon, daß er von meiner schwarzen Köchin gut bekümmert werden würde. Sie, Serafina, kannte meinen Willen in solcher Hinsicht und war mir sehr ergeben; besonders weil sie sich in meinem Hause beinahe als eine freie Person betrachtete durfte; denn ich hatte sie sammt ihrem Sohne, dem Jaginho, nicht gekauft, sondern sie nur von ihrem Herrn für meinen Dinst gemietet, und lohnte sie noch überdies selbst monatlich mit einer kleinen Summe, wie es sonst hier durchaus nicht gebräuchlich ist und auch sich deshalb schwierig einrichten läßt.

Abonnementspreis franco per Jahr Fr. 5 in der Schweiz, Fr. 7. 50 in den übrigen Staaten des Postvereins



Brasilianische Kinder.

Erzählung

von

J. Engell-Günther.

le gehörte ihm und er ihr; das heißt nicht etwa beide sich einander, sondern jedes von ihnen gehörte einem der beiden jungen Herrschaften des Hauses. Diese waren nun zuerst „Er“, nämlich der vierzehnjährige Pflegeohn und Neffe des Guisbesizers Senhor Antonio Conto de Alvarez, mit dem Taufnamen Marcello, dessen Vater, der reiche Senhor Venancio de Prado, ein Weiler des Senhor Antonio gewesen und von dem dieser zum Vormunde seines einzigen Kindes und Erben bestimmt worden war. Dann „Sie“, nämlich die Senhorinha Donna Candida, Tochter erster Ehe des Senhor Antonio, die jetzt neun Jahre alt sein mochte; und als ihr Eigentum galt der vielleicht zwölfjährige Negerknabe Bento, während die zehnjährige, auffallend helle Mulattin Nazaria dem jungen Herrn Marcello gehörte, da deren Mutter seine Mutter gewesen war und ihn nach seines Vaters Tode hierher, auf das Landgut des Senhor Antonio, be-

Monatshefte, LXII. 371. — August 1867.

gleitet hatte, wo sie nun als Köchin diente. Und sie stand in großer Gunst bei der jetzigen Gattin des Hausherrn, der Senhora Donna Margarida; denn sehr geschickt war sie, die schwarze Perpetua. Sie wußte alle hier beliebten Gerichte vorzüglich zu bereiten, nämlich: gekochte und geschmorte Fäbner mit Reis, Spanserkel in Essig, schwarze Bohnen mit Speck, Rindsbraten mit Kohl, Maisbrot in Milch, sowie die vielen in Zucker gesottene Früchte, die mit Käse hier überall als Dessert eine große Rolle spielen; und außerdem war sie eine gute Wäscherin und Pfätterin. Sie galt aber nicht allein für ungemein tüchtig und brauchbar, sondern auch für eine sehr verständige Person. Ihre frühere Herrin, die liebliche Sibella, Marcellos Mutter, hatte sie als ihre beste Freundin betrachtet, und dieses Verhältnis, welches aus der Kindheit beider datierte, war so fest begründet gewesen, daß es selbst da nicht gelöst wurde, als Perpetua zum zweitenmal Mutter geworden und die bereits erwähnte Nazaria

40



O texto de Julie Engell-Günther apresenta o retrato da família brasileira do século 19, marcada pelo regime patriarcal e com influência das culturas indígena, europeia e africana. Os laços iam além da consanguinidade e o ambiente doméstico poderia ser marcado por hierarquias, lutas de poder e intensas negociações entre seus membros.

Crianças Brasileiras

Ela pertencia a ele e ele a ela; isso não significa que um pertencia ao outro, e sim que cada um pertencia a um dos donos da casa. Estes eram primeiramente o enteado de 14 anos do proprietário Senhor Antônio Conto de Alvarez, chamado Marcello, cujo pai, o rico Senhor Venâncio do Prado, era primo do Senhor Antônio, que foi nomeado então tutor de seu único filho e de sua herança. Depois, a Senhorinha Dona Cândida, filha do primeiro casamento do Senhor Antônio, com 9 anos de idade; e como sua propriedade havia o rapaz negro Bento de aproximadamente 12 anos, enquanto a mulata de pele branca Nazaria, com cerca de 10 anos, pertencia ao jovem Senhor Marcello, pois a mãe dela foi sua ama-de-leite e após a morte do pai dele, o acompanhou até a fazenda do Senhor Antônio, onde trabalhava como cozinheira.



V.
Das jetzige Brasilien.

Von J. Engell-Günther in Baden (Aargau).

Wenn vor kurzem die Aufmerksamkeit der ganzen zivilisierten Menschheit nach Brasilien gelenkt worden ist, weil sich eine fast unblutig verlaufene und doch sehr gründliche Revolution dort vollzogen hatte, so scheint dagegen jetzt die europäische Presse ziemlich ungerecht von der jungen Republik die Abhilfe aller der Uebelstände zu verlangen, die theils in Erbtheil der eben erst abgeschafften Monarchie sind, theils in den allgemeinen Verhältnissen der Welt liegen und folglich nicht im Umsehen, selbst nicht von den geschicktesten und bestgesinnten Beamten, zu beseitigen sein werden.

Es dürfte daher nicht überflüssig sein, die wirkliche Sachlage aus einem unparteiischen Gesichtspunkte zu prüfen und einige Beiträge zur richtigen Beurtheilung der Zustände dieses immer noch sehr unbekanntes Landes zu liefern. Dasselbe zeichnet sich vor allem durch seine unvergleichliche Naturschönheit, durch die ausserordentliche Ertragsfähigkeit seines Bodens, durch den Reichthum seiner Erzeugnisse und durch den grossen Umfang seiner wenig bevölkerten und also auch wenig angebauten Ländereien aus. Die Ausdehnung der jetzigen „Vereinigten Staaten von Brasilien“ ist bedeutend grösser als die von ganz Europa mit Ausschluss von Russland, während die Bevölkerung nur derjenigen von Ungarn an Zahl ungefähr gleichkommt. Die Ureinwohner scheinen ja bereits zur Zeit der ersten Besitzergreifung durch die Portugiesen wenig zahlreich gewesen zu sein, und jetzt gibt es deren auf brasilianischem Boden wohl kaum noch hunderttausend, die sich grösstentheils in die unwegsamen Waldgebiete des Innern zurückgezogen haben, wo sie indessen wegen der ungünstigen

Logo após os trabalhos de administração e assentamento da colônia Dona Francisca serem executados, Hermann e Julie Engell-Günther seguiram para a capital paulista.

Julie escreveu muitos artigos sobre a vida no Sul do Brasil, dedicando-se a problematizar as questões políticas: “Jornal Ilustrado de Leipzig” (1851) ou em artigos como “Brasilianische Kinder” (“Crianças Brasileiras”), 1887; “Ein Kolonistenmädchen. Novelle aus Brasilien” (“Filha de colonos. Novela brasileira”), 1897; “Aus Brasilien” (“Noticias do Brasil”), 1883, e “Das jetzige Brasilien” (“O Brasil atual”), 1889.

O Brasil atual

Se recentemente a atenção de toda a humanidade civilizada foi dirigida ao Brasil por causa de uma revolução quase sem derramamento de sangue e ainda assim muito profunda, a imprensa europeia, por outro lado, parece demandar injustamente da jovem república o remédio de todos os males, que são em parte uma herança da monarquia que acaba de ser abolida, estão parcialmente nas condições gerais do mundo, e conseqüentemente não podem ser desconsideradas, até mesmo pelas autoridades mais inteligentes e mais dispostas.

ENGELL-GÜNTHER, Julie. Das jetzige Brasilien (O Brasil atual). In: Jahrbuch der Mittelschweizerischen Geographisch-Commerciellen Gesellschaft (Anuário da Sociedade Geográfica Comercial da Suíça Central). Bd. IV. Baden (Aargau). 1889. p. 52-80.
Arquivo: Instituto Marius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, São Paulo.



Reprodução de óleo sobre tela "Die Sybillen" ("As Sibílicas") pintado por Clara von Rappard (sobrinha de Julie Engell-Günther), 1890. Ao centro, Clara; à esquerda, a mãe Albertine; ao lado a tia Luise Löwe; e à direita, Julie.
Fonte: Carola Myers (Ed.), "Auftrag der Gesellschaft Clara von Rappard" in: Clara von Rappard - Freileichtmalein 1857-1912. Exhibition catalog, March-Sept. 1999. Museum Schloss Jegenstorf and Kunstmuseum Pilsen [cs], Bern 1999.

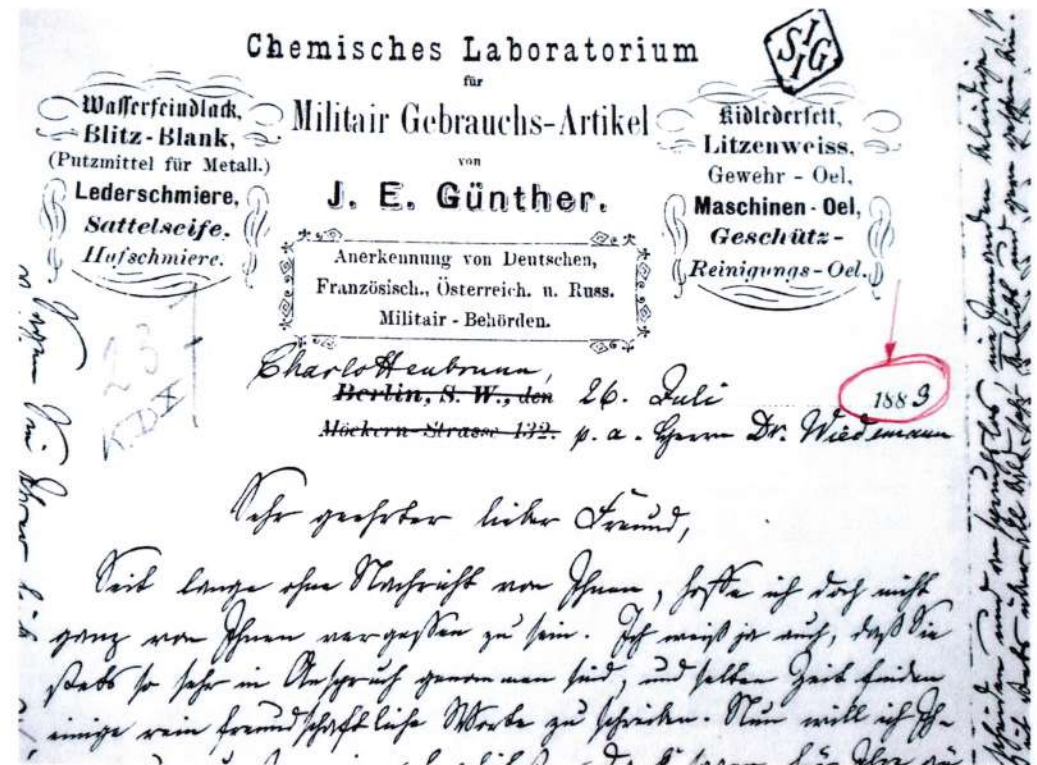
Atividades comerciais paralelas à docência



Embora a vida profissional de Hermann Günther tivesse sido marcada por seguidos problemas, seja na instalação da Colônia, no Sul do Brasil, ou nos trabalhos como engenheiro no interior de São Paulo, Julie Engell parecia seguir satisfeita na carreira da educação para meninas no Brasil.

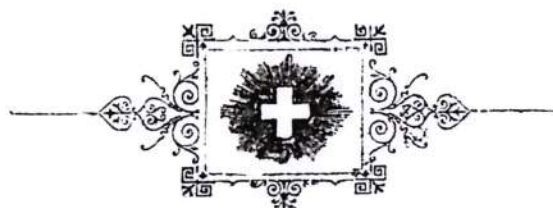
Mesmo assim, o casal, agora com uma união formal, decide voltar com o filho para a Europa. Já era 1859.

Por dez anos, eles mantiveram um estúdio de fotografia. Os primeiros anos de retorno à Europa foram de seguidas decepções para Julie: a morte do primeiro filho, a falência do estúdio de fotografia, a infidelidade do marido e a separação. Em suas confidências a Kautsky, Julie escreve que quando casou, tudo que “ganhou passou a ser propriedade de seu marido, inclusive ela”. O “Laboratório químico para bens de consumo militares” foi uma das atividades exercidas para que pudesse se manter após esta fase.



Rascunho de carta com selo de empresa de Julie Engell-Günther (Laboratório químico para bens de consumo militares).

Schweizerfagen



VDH

J. Engell-Günther.



Preis Frf. 1.50



Grüningen.
Druck und Verlag von J. Witz,
1895.

Ein Kolonistenmädchen.

Nachdruck verboten.

Brasilianische Novelle

von

J. Engell-Günther.

5.

Das Werden, das ewig wirkt und lebt,
Umfaß' Euch mit der Liebe holden Schranken.



Ich verstehe mich, daß meine kleine Freundin ihrer Lehrerin alle Ehre machte, und auch ich durfte mich ihrer weiteren Entwicklung nur freuen. Sie besuchte mich oft, da sie jetzt nicht mehr so strenge beaufsichtigt wurde als ehemals, und überdies die früheren Gründe kaum noch vorhanden sein konnten. Alfredo und Rodrigo verlebten ihre meiste Zeit in Rio und brachten die Ferien stets auf der Fazenda zu. Man sah sie also verhältnismäßig selten in São Paulo; aber trotzdem wußte ich, daß die alte Zuneigung zwischen den Jugendspielen die gleiche blieb, oder vielmehr, daß sie sich nach und nach immer mehr verstärkte. Hatte doch Marie kein Geheimnis vor mir, und so erfuhr ich alle Begegnungen, die sie mit Rodrigo hatte und zu denen sie beide um so leichter gelangen konnten, seit das junge Mädchen um ihrer Arbeit willen ganz in das Haus der Frau Hardner übergesiedelt war und also nicht mehr direkt unter Donna Antonias Obhut stand. Diese würde jetzt dem Verkehr der jungen Leute kaum etwas entgegengesetzt haben. Der unbemittelte Neffe war ihr ja immer sehr gleichgültig gewesen, und „das Mädchen von Oite“ (wie sie die gute Kleine zu nennen liebte, da sie das „S“ nicht auszusprechen vermochte und folglich „Solstein“ in „Oite“ verwandelte) hatte wohl als Kleidermacherin einigen Wert für sie, war aber im übrigen natürlich viel zu gering in ihren Augen, als daß deren Geschick irgendwie in Betracht kommen konnte. Außerdem war sie jetzt nur eifrig besorgt, für Alfredo sowohl als für ihre jüngeren Töchter passende Heiraten vorzubereiten und die betreffenden Aussteuer zu herzustellen, wodurch ihre Kräfte vollauf in Anspruch genommen wurden.

Indessen veräumte ich natürlich nichts, um Mariechen über die hiesigen Verhältnisse, sowie über die herrschenden Ansichten aufzuklären. Ich erzählte ihr absichtlich von manchen Liebesverhältnissen unter jungen Brasilianern und deutschen Mädchen, die immer ohne Ausnahme zum Nachteil der letzteren ausgefallen waren, weil eine

Amizade com as alunas



Além de ter trabalhado em escolas para meninas no Rio de Janeiro, Julie Engell-Günther abriu sua própria instituição no interior de São Paulo, em Limeira, escrevendo sobre as experiências de alunas e alunos.

Filha de Colonos

Não preciso dizer que minha amiguinha deixou sua professora honrada, e eu também fico muito feliz pelo seu desenvolvimento. Ela me visita com frequência, pois agora ela não está mais tão atarefada como antes e além disso, não existem mais praticamente os motivos de então. Alfredo e Rodrigo passam a maior parte do tempo no Rio de Janeiro e as férias na fazenda. Eles são vistos raramente em São Paulo; apesar disso, soube que o velho gosto deles por jogos de jovens permaneceu o mesmo e até aumentou. Marie não tinha segredos comigo e, assim, sabia de todos os encontros que teve com Rodrigo, os quais ficaram mais fáceis, já que a jovem havia se mudado para a casa de Frau Hardner por causa de seu trabalho.

Trabalho escravo



Diferente da relação entre a branca portuguesa e a escrava, o contato entre Julie e sua “colaboradora” na escola para meninas em São Paulo, a Rosaura, era de cumplicidade (talvez por Julie também estar no país na condição de trabalhadora).

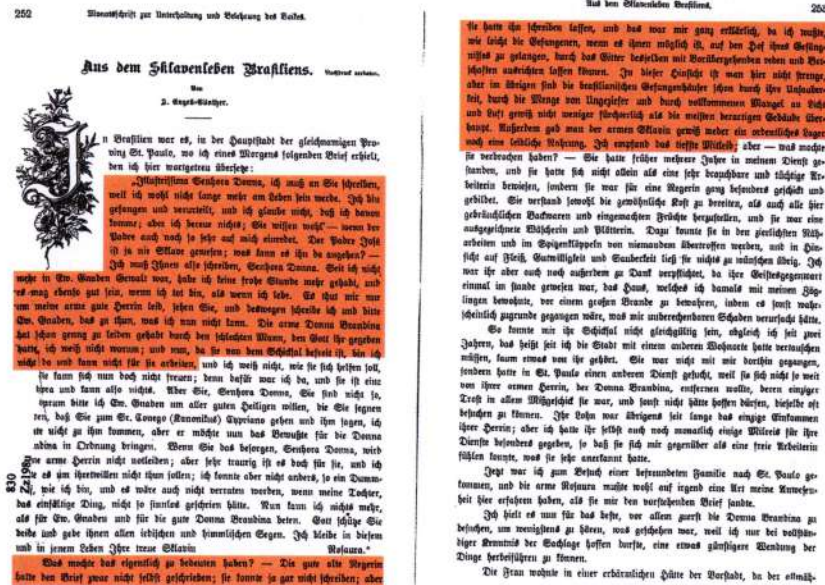
A história desta proximidade foi contada por Julie no artigo “Vida de escravos no Brasil”, publicado em 1901. E os relatos parecem representar acontecimentos realmente vividos por elas.

Em carta, Rosaura, mulher negra presa e condenada, pedia a Julie que entrasse em contato com o padre da paróquia para ajudar “sua ex-dona” Brandina, que também estava em situação de miséria. O salário de Rosaura era a única fonte de renda de dona Brandina – agora vivendo em situação crítica. Os rendimentos de Rosaura eram pagos por Julie, que costumava remunerar, além do acordado, uma quantia a mais (provavelmente pelo trabalho em sua escola, em Limeira, interior de São Paulo).

A carta com reclamações de Brandina provoca em Julie Engell a vontade de falar sobre a situação das casas de detenção, sobretudo quando se tratava da punição de uma mulher negra. E ela não deixa de ir ao encontro de dona Brandina, após receber a correspondência, descobrindo que a mulher, sem amigos, morava em uma precária cabana.

Vida de escravos no Brasil

“Ilustríssima Senhora Dona, tenho que escrever-lhe pois não viverei mais por muito tempo. Estou presa e condenada, e acho que não conseguirei sair dessa situação. Mas eu não me arrependo de nada. A senhora bem sabe – mesmo que o Padre me convença. O Padre nunca foi escravo. Então o que ele pode fazer em relação a isso?... Desde que eu não estava mais no poder da graça eterna, não tive mais nenhum momento feliz, e seria melhor se já estivesse morta. Apenas lamento pela minha pobre boa Senhora, como vê, e por isso escrevo e peço, pela eterna misericórdia, que faça o que eu não posso fazer. A pobre Dona Brandina já sofreu muito com o mau marido que Deus lhe deu, não sei porquê; e agora que ela está livre do seu destino, eu não estou lá e não posso trabalhar para ela...”



ENGELL-GÜNTHER, Julie. Aus dem Sklavenleben Brasiliens (Vida de escravos no Brasil). In: Helvetia illustrierte Monatschrift zur Unterhaltung und Belehrung des Volkes. Basel: Verlag Robert Weber, 1901. p. 252-261. Acervo: Instituto Martius-Staden.

“O que isto significa? – A boa e velha negra nem sequer escreveu esta carta; ela não sabia escrever; mas ela pediu que o fizessem, e isso era muito compreensível para mim, pois sabia como é fácil o prisioneiro, quando lhe era possível, ir até ao pátio de sua prisão, conversar com os transeuntes pelas grades e mandar entregar mensagens. Quanto a isso, não se é muito rígido aqui, mas no restante, as prisões brasileiras não são menos terríveis que a maioria das outras, com sua sujeira, quantidade de insetos e total falta de ventilação e luz. Além disso, a pobre escrava certamente não recebia nem acomodações nem alimentação adequadas. Eu senti a mais profunda compaixão.”



Poema: ENGELL-GÜNTHER, Julie. Faustiana. Splitter aus Goethe's Faust (Faustiana. Fragmentos do Fausto de Goethe). Bamberg: Verlag und Druck der Handels-Druckerel Bamberg, 1901. Cópia no acervo do Instituto Marllus-Staden do arquivo de Adolfo Bernardo Schneider, Joinville-SC.

A influência de Goethe

É inquestionável a influência do poeta e naturalista alemão Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) na obra de Julie Engell-Günther. Considerado um dos mais importantes precursores da poesia, é difícil medir a importância do autor de "Fausto" na mudança de paradigmas da literatura alemã. Na tragédia "Fausto", ele refletiu sobre ciência e dilemas morais, mas a personagem feminina não tem um final feliz. "Faustiana", de Julie Engell-Günther, é uma análise e complemento deste clássico.

O livre pensamento



Julie Engell-Günther pertencia ao grupo de mulheres livres pensadoras que escreviam em jornais de língua alemã. Seus artigos no jornal "Freidenker" (Livre Pensador) fazem parte do conjunto de textos sobre os direitos das mulheres no Código Civil de 1900.

Na montagem da 34ª edição de 1887 do "Freidenker", Julie aparece com a escritora e pacifista Bertha von Suttner (1843-1914). O cabeçalho da capa acompanhava os seguintes dizeres, escrito por Bertha:

"Continuamos a ter, eu e meu marido, grande alegria neste jornal. E é notável a forma como nós nos encontramos neste pequeno círculo de amigos, novamente, aqui na Europa: Dodel-Port, Büchmer, Hedwig Henrich-Wilhelmi. Com tudo isso, estamos escrevendo em trânsito."

Além de ter sido a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel, Bertha von Suttner chegou a participar da Primeira Convenção Internacional de Haia, em 1899, como única mulher presente (as Convenções de Haia de 1899 e 1907 estão, assim como as Convenções de Genebra, entre os primeiros tratados internacionais sobre leis e crimes de guerra). Seu livro mais famoso, "Die Waffen nieder" ("Abaixem suas armas"), circulou pelo mundo e virou filme. Bertha morreu em 21 de junho de 1914, dois meses antes de começar a Primeira Guerra Mundial.

A pacifista e Julie não foram as únicas mulheres a envolver-se com a Revolução de 1848. Algumas mulheres extremamente politizadas de Baden foram destacadas como corajosas e radicais por terem saído de casa para encarar a Revolução.

A participação de Julie Engell-Günther como colaboradora deste periódico político rendeu a ela certa notoriedade no movimento de mulheres. "Incansável lutadora pelos direitos à educação, independência financeira e ao voto", assim ela foi definida, em forma de verbete, sobretudo na Suíça.

A influência do jornal "O Livre Pensador" junto à comunidade de língua alemã nos Estados Unidos e seu impacto no movimento sufragista norte-americano não foi ainda suficientemente reconhecido até o presente.



Cabeçalho do jornal "Livre Pensador". Julie Engell-Günther aparece à esquerda. Arquivos de Eva Schöck-Quinteros (Uni Bremen) e Elke Dittich (Reilbra/USP)



Cartas a Karl Kautsky



Berlin, 19. Januar 1883
No. 192. Moskauerstr.

Ihre gütliche Liebes Briefe. (Was ist Ihr Name?
Adressieren Sie!)

Ihre freundlichen Briefe hat mich sehr bewegt! - Ich
fühle ein heftiges Leben in mir, meine Gedanken
sind die wichtigsten Dingen verbunden, und ich
habe mich ein Mal wieder in der Welt, meine
mit Interesse eine Frau davon unterhalte. Ich - meine
auf diese Welt zu mir, meine Welt zu finden, die ich
nur für mich gestalten will, ich will selbst mit der
Welt eine Meinung zu empfangen. Ihre Meinung, die
unabhängig von der herrschenden Dignitätsmeinung,
mit mir in einem natürlichen Gefühl die Dignität
für alle Leben ist, sondern die die Dignität vor-
züglich in den menschlichen Beziehungen mit dem
der Weltgeist begründet ist. Willst du mich
für dich mit Verantwortung von mir, wenn ich
nur gesehe, und ich will in der Welt die Dignität
an für sich nicht für mich selbst, sondern für
mich, sondern ich will, die Dignität
die nicht hunderttausendmal werden, sondern
man die Dignität für mich selbst wollen. Ich
wird mir geben müssen, und mich für die
große Lebenswelt der Welt mit dem Dignität:
nicht meine Meinung zu gestalten & zu gestalten. Ich
ich demnach ist, und man für mich nicht
lich nicht Dignität zu gestalten sondern
für sich selbst nicht die Dignität zu finden. Nicht die
für sich ab der Welt, und in der herrschenden Welt
die herrschenden Dignität für mich selbst
finden.

O entendimento da visão de Julie Engell-Günther sobre os movimentos de mulheres de sua geração passa pela leitura das cartas remetidas por ela ao teórico da social democracia, Karl Kautsky (1854-1938). Editor do quarto volume de "O Capital", Kautsky também foi fundador do semanário "O novo tempo", com circulação de 1883 a 1923.

As conversas, entre 1883 e 1887, revelam a falta de espaço para publicação de artigos escritos por autoras mulheres. E, ao mesmo tempo, a possibilidade de um debate político somente por meio do trabalho de jornais "alternativos" como "O novo tempo".

A primeira carta de Julie Engell-Günther chega a Karl Kautsky logo depois da publicação do primeiro número do semanário. Sem acesso às respostas de Kautsky, mas pelo conteúdo que segue, nota-se que o editor está interessado em seu trabalho, valorizando a sua experiência em outros países como educadora e professora de meninas.

Neste sentido, a escrita da primeira carta de Julie Engell-Günther a Karl Kautsky demonstra uma clara comoção com a expectativa de publicação em um momento em que despertava para uma intensa produção jornalística.

Sua gentil missiva muito me comoveu. Na minha longa vida, encontrei tão pouca compreensão para as perguntas mais importantes que, toda vez que descubro algum vestígio dela, sinto-me impelida a admirá-la como a um milagre. E muito mais me surpreende ter encontrado um homem disposto a permitir que uma mulher manifeste a sua opinião sobre si mesma e seu próprio gênero.

[...]

Quero expressar a minha gratidão pelo gentil convite que o senhor dirige a mim para fazer uma crítica sobre a educação feminina moderna. Ministrei aulas a muitas meninas pequenas e maiores em diferentes países e continuo sendo alento e amparo para muitos corações femininos aflitos.

Pernita-me externar que por meio da prática tola de querer preparar as meninas somente para o casamento, como sua única opção profissional, cria-se um ambiente propício a grandes desgraças... Enquanto o casamento for considerado uma instituição provedora, não podemos falar de virtudes e de pureza.



Juliane Engeli-Günther, 1870. Fonte: Carola Muijers (Ed.), "Auftrag der Gesellschaft Clara von Rappard" in: Clara von Rappard - Freilichtmalerin 1857-1912. Exhblblion catalog, March-Sept. 1999, Museum Schloss Jegenstorf and Kunstmuseum Pilsen [ca], Bern 1999.

“Apesar do diálogo com as teorias da social democracia, na Europa, a atuação de Julie Engell no Brasil esteve focada no campo da educação, também espaço de sua sobrevivência. No retorno à Europa, ela procurou publicar textos em sua língua nativa paralelamente à atividade docente. O bom conhecimento em línguas (inglês, francês e português), geografia e história do Brasil é apresentado como privilégio raro das poucas mulheres com capacidade de viajar, um sinal de distintividade. A partir da leitura de seus textos e cartas, é possível acreditar que a experiência no Brasil concedeu uma visão de mundo capaz de impulsionar sua militância no retorno à Europa”.

Izabela Liz Schlindwein



Udo Döhler
Prefeito

Nelson Henrique Coelho
Vice-Prefeito

José Raulino Esbiteskoski
Secretário de Cultura e Turismo

Evandro Censi Monteiro
Diretor Executivo

Adriana Cristina Klein
Gerente de Patrimônio e Museus

Dilney Fermino Cunha
Coordenador do Arquivo Histórico de Joinville

FICHA TÉCNICA

Concepção, pesquisa e produção de textos

Izabela Liz Schlindwein
Elke Dislich

Organização

Arselle de Andrade da Fontoura
Dilney Fermino Cunha
Valéria König Esteves

Tradução

Dilney Fermino Cunha
Elke Dislich

Montagem

Helen Cristine Reinert Gonçalves
Leandro Brier Correa
Rodrigo Boçõen
Valéria König Esteves

Programação visual

Glaucya Helena Paul Gigli Ferreira

Projeto educativo

Giane Maria de Souza

Apoio administrativo e operacional

Catia Regina Hoedecker
Juliana Tereza Schmidt Valentim
Roseli Gonçalves

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D. STUMP et al., *Deutschspr. Schriftstellerinnen in der Schweiz (Escritoras na Suíça), 1700-1945, 1994, 63, (Werkverz.)*.
- DISLICH, Elke. *Biobibliografia de JEG. Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, 2009.* Disponível em: <<http://tinyurl.com/o663kw6>>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. Editora Julius von Springer, 1862, Berlin. Acervo Ibero-Americano Institut/Berlin e Arquivo pessoal Elke Dislich (Rellibra/USP).
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. Ein heiliger Abend (Uma Noite de Natal). In: *Sonntagsblatt des Bund* Nr. 51 und Nr. 52, (Schweizerische Landesbibliothek), Bern, 18 e 25 de dezembro de 1887, p. 401-407 e 409-411. Fonte: Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, São Paulo.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Brasilianische Kinder (Crianças Brasileiras)*. In: *Westermanns Illustrierte Deutsche Monatshefte*, LXII 374, agosto de 1887. Fonte: Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, São Paulo.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Das jetzige Brasilien (O Brasil atual)*. In: *Jahrbuch der Mittelschweizerischen Geographisch-Commerciellen Gesellschaft (Anuário da Sociedade Geográfica Comercial da Suíça Central)*, Bd. IV. Baden (Aargau), 1889, p. 52-80. Fonte: Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, São Paulo.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Schweizersagen (Lendas Suíças)*. Grüningen: Verlag von J. Wirz, 1895. Fonte: cópia no acervo do Instituto Martius-Staden do arquivo de Adolfo Bernardo Schneider, Joinville-SC.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Ein Kolonistenmädchen. Novelle aus Brasilien. (Filha de colonos. Novela brasileira)*. In: *Helvetia Illustrierte Monatsschrift zur Unterhaltung und Belehrung des Volkes*. Basel:Verlag Robert Weber, 1897, p. 490-544. Fonte: Instituto Martius-Staden Acesso em junho de 2011.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Aus dem Sklavenleben Brasiliens (Vida de escravos no Brasil)*. In: *Helvetia Illustrierte Monatsschrift zur Unterhaltung und Belehrung des Volkes*. Basel: Verlag Robert Weber, 1901, p. 252-261. Fonte: Instituto Martius-Staden.
- ENGELL-GÜNTHER, Julie. *Faustiana. Splitter aus Goethe's Faust (Faustiana. Fragmentos do Fausto de Goethe)*. Bamberg: Verlag und Druck der Handels-Druckerei Bamberg, 1901. Fonte: cópia no acervo do Instituto Martius-Staden do arquivo de Adolfo Bernardo Schneider, Joinville.
- HÄHNLER, June. Trad. Eliane Lisboa. *Emancipação do sexo feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- LÖWENFELD, William. *Die rechtliche Stellung der Frau (O estatuto legal das mulheres)*. In: *Der Frauenberuf*, 4. Jg. Weimar, 1890, Nr. 5, p. 153-162.
- MUYSERS, Carola (Ed.). "Auftrag der Gesellschaft Clara von Rappard" in: *Clara von Rappard - Freilichtmalerin 1857-1912. Exhibition catalog*, March-Sept. 1999, Museum Schloss Jegenstorf and Kunstmuseum Pilsen [cs], Bern 1999.
- RIEDEL, Tanja-Carina. *Gleiches Recht für Frau und Mann, die bürgerliche Frauenbewegung und die Entstehung des BGB*. Köln: Böhlau, 2008, p. 148, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 164, 166, 167 e 168.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século 19. O Colégio Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas, Centro de Memória Unicamp, 1996).
- RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil*. Tradução de Júlia Chella. Florianópolis: Editora da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992.
- SCHLINDWEIN, Izabela Liz. *Os Natais da livre pensadora alemã Julie Engell-Günther: relações de gênero e interétnicas no Brasil do século 19*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas: Florianópolis, SC, 2015. 274 p.
- SCHÖCK-QUINTEROS, Eva. „Auf dem Weg nach Südastralien...und in Rio ging Sie von Bord. Die 48erin Julie Engell blickt zurück.“ In: *Transculturalism and Memory, Festschrift für Dirk Hoerder*; Harzig, Christiane (Hg.), 2004.
- SCHÖCK-QUINTEROS, Eva. GÖRTZ, Eva. *Frauenbewegte freidenkerinnen im dialog zwischen alter und neuer welt. (Livres pensadoras no diálogo entre antigos e novos mundos)*. In: *Schöck-Quinteros u.a.: politische netzwerkerinnen*. Berlin, 2007, p. 103-127.
- SCHÖCK-QUINTEROS, Eva. SCHÜLER, Anja. WILMERS, Annika. WOLFF, Kerstin (Hg.). *Politische Netzwerkerinnen Internationale Zusammenarbeit von Frauen 1830-1960. Beiträge der Tagung Kommunikation - Mobilität - Netzwerke an der Universität Bremen - September 2005*. Berlin: trafo-Verlag, 2007. (Schriftenreihe des Hedwig Hintze-Instituts).

CARTAS

Para Karl Kautsky (18 cartas a Karl Kautsky). In: *Karl Kautsky Papers*, Amsterdam. Fonte: International Institute on Social History, Arquivo DX 222-239, 1883-1887.SC.

AGRADECIMENTOS

Professoras: Silvia Sell Duarte Pillotto (Univille), Miriam Pillar Grossi (UFSC),
Janine Gomes da Silva (UFSC), Letícia Borges Nedel (UFSC) e Martha Zapata Galindo (Freie Universität Berlin)
Pesquisadora e tradutora: Elke Dislich (USP)
Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão (São Paulo)
Instituto Clara von Rappard (Interlaken, Suíça)
Instituto Iberoamericano (Berlim/Alemanha)
Instituto de História Social (Amsterdam/Holanda)
Agências de fomento: CAPES, CNPq, FAPESC e DAAD